

ELIZABETH
FREMANTLE

a ÚLTIMA
DAMA



*Os segredos e as paixões durante
o reinado da última monarca Tudor*

Tradução

ALEXANDRE BOIDE

PA
RA
L
E

Copyright © 2015 by Elizabeth Fremantle

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Watch the Lady

CAPA Claudia Espínola de Carvalho

FOTO DE CAPA © Stephen Mulcahey/ Trevillion Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fremantle, Elizabeth

A última dama / Elizabeth Fremantle ; tradução
Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2018.

Título original: Watch the Lady.

ISBN 978-85-8439-099-1

1. Ficção inglesa I. Título.

17-09174

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

O DUELO

*Stella, estrela de fogo celestial,
Stella, estrela guia do desejo carnal*

Sir Philip Sidney, *Astrophil e Stella*

Outubro de 1589

Leicester House, Londres

A cera borbulha ao pingar no papel, soltando uma fumaça acre. Penelope pressiona seu selo, torcendo-o de leve para torná-lo ilegível, e pergunta a si mesma se aquilo — aquela carta — não é loucura, se não pode ser considerada uma traição à Coroa caso caia em mãos erradas.

“Acha que...”, ela começa a dizer a Constable, que está de pé ao seu lado.

“Acho que está se arriscando demais.”

“Preciso garantir o futuro da minha família. Sabe tão bem quanto eu que a rainha não é mais uma juvenzinha. Se por acaso...” Penelope se interrompe e olha ao redor do aposento, embora ambos saibam que estão a sós, pois vasculharam até atrás da cortina em busca de criados sorrateiros que pudessem ceder à tentação de vender informações a quem oferecesse a maior quantia. “Houve atentados contra a vida da rainha, e ela ainda não nomeou um herdeiro. Caso um assassino consiga seu intento...” Ela baixa o tom de voz para o mais suave dos sussurros. Não é preciso dizer que os olhos de toda a Europa estão voltados para a coroa de Elizabeth. “Os Devereux precisam de alianças estáveis.”

“E Jaime da Escócia é o postulante mais cotado ao trono da Inglaterra”, ele complementa.

“É o que dizem.” Penelope encerra a questão de forma convicta. Constable não sabe que o assunto foi discutido incansavelmente entre ela e seu irmão — e sua mãe, que entende mais de diplomacia do que todos os outros juntos. “Faço isso por Essex, não por mim. É meu irmão quem mais precisa de aliados poderosos.” Ela entrega a carta e o encara por um momento.

Ele passa os dedos sobre o papel como se estivesse acariciando a pele de sua amada. “Mas se isto cair em mãos erradas...”

Com certeza se refere a Robert Cecil, filho de Lord Burghley, tesoureiro da rainha, o homem que controla a Inglaterra. A mão de ferro de Cecil está por toda a parte.

Ela retribui o olhar com um meio sorriso. “É apenas uma carta amistosa. Escrita por uma mulher.” Penelope posiciona a mão espalmada delicadamen-

te sobre o peito e arregala os olhos, como quem diz que as palavras de uma mulher não têm valor. “Uma carta secreta a um monarca estrangeiro pode significar problemas sérios para Essex, mas para alguém como eu...” Ela inclina a cabeça em uma humildade fingida. “Ora, acho que consigo me safar.”

Constable dá uma risadinha. “Ninguém daria importância à simples carta de uma mulher.”

Ela roga a Deus para que seja verdade. “Tem certeza de que aceita a missão?”

“Nada me daria mais prazer do que servi-la, milady.”

Ela não duvida disso. Constable já escreveu por volta de cem poemas para ela, mas não foi o único a fazer isso. Essex costuma atrair multidões de poetas e pensadores que orbitam ao seu redor na esperança de conquistá-lo como patrono, dispostos a tudo para cair em suas graças. Agradando sua irmã, eles acreditam estar mais próximos de um mecenas. Não deixa de ser irônico que, apesar de todos os versos escritos para celebrar sua beleza, repetindo incessantemente as mesmas figuras de linguagem — seus olhos estrelados, sua cabeleira de fios de ouro, sua voz de rouxinol, sua pele mármorea —, o homem com quem se casou jamais tenha conseguido superar a aversão a ela. A beleza pode render belos versos em um soneto, mas é frágil como uma casca de ovo e tão enganosa quanto; não diz nada sobre o que existe sob a superfície.

“Você vai entregar isso nas mãos do rei Jaime.” Ela sabe do perigo ao qual está expondo Constable, mas ele também, e mesmo assim parece mais do que disposto a se envolver. Além disso, a espionagem não é uma atividade desconhecida para ele.

“Mas”, ele começa, hesitante. “Como serei recebido por ele?”

“Você é um poeta; use sua lábia. Meu selo vai garantir seu acesso aos aposentos privativos do rei.” Ela põe o anel com o sinete na palma da mão dele. “Afim, sou a irmã do nobre de maior prestígio da Inglaterra, sobrinha-neta da rainha. Isso tem seu valor, não?” Sua voz sai involuntariamente aguda, e ele parece desconfortável, como se tivesse sofrido uma reprimenda, o que a faz abrir um sorriso.

“Guardo o selo bem longe da carta. E entregue isto a ele, como mais uma prova.” Ela abre uma caixinha dourada e pega um retrato em miniatura. Constable o examina por um instante, com os olhos marejados.

“Hilliard não lhe fez justiça. Sua beleza é muito maior.”

“Ora!”, ela responde com um gesto desdenhoso. “A beleza só tem valor se tiver serventia. O retrato parece o suficiente comigo para cumprir seu propósito.” Ela observa enquanto ele o guarda com cuidado no gibão, junto com a carta.

Spero, o spaniel de Penelope, começa a latir e arranhar a porta. Eles ouvem o ranger do portão do pátio, e em seguida cascos de montarias pisoteando apressadamente o calçamento de pedra e um frenesi de gritos. Enquanto se dirigem às pressas para a janela, a porta se abre, e Jeanne, a dama de companhia de Penelope, entra no quarto esbaforida e aflita. “Venha depressa, seu irmão está ferido”, ela grita. O sotaque francês da criada, com seu suave sibilar, atenua o impacto das palavras.

“O que aconteceu?” O pânico começa a subir pelo corpo de Penelope, como o leite fervendo em uma panela esquecida no fogo, mas ela consegue respirar fundo e se controlar.

“Meyrick disse que foi um duelo.” O rosto de Jeanne está pálido.

“O ferimento é grave?” Jeanne não sabe. Penelope puxa a moça pelo braço e, erguendo a saia, grita para Constable, que já está quase na escadaria: “Mande buscar o dr. Lopez”.

“Se ele está ferido, é melhor chamar um cirurgião”, argumenta Constable.

“Confio em Lopez. Ele vai saber o que fazer.”

Eles chegam ao saguão no momento em que Essex é trazido para dentro, carregado por dois de seus homens, liderados pelo robusto e leal Meyrick, com a preocupação estampada no rosto sardento e os olhos vasculhando freneticamente os arredores em busca de eventuais curiosos. Ele leva aos cabelos a mão manchada de sangue seco.

“Uma bacia de água quente”, grita para a criadagem, que se reuniu em peso para assistir à cena boquiaberta. Jeanne treme, pois não suporta ver sangue, então Penelope a manda buscar panos limpos na lavanderia.

Com os dentes cerrados, Essex é colocado na mesa, onde se mantém apoiado sobre os cotovelos, meio deitado, meio sentado, recusando-se a ficar em repouso.

“Foi só um arranhão”, ele diz, tirando a capa de cima da perna para que Penelope possa ver o corte na coxa e o sangue que manchou sua meia de seda branca até a altura do cano da bota.

“Meyrick, sua faca”, ela pede.

O homem de confiança de seu irmão a encara com uma expressão de interrogação.

“Vou cortar a meia. Para que mais seria?” Ela tenta controlar o tom agudo na voz, que surge do nada. “Me ajude com as botas.” Penelope segura o salto de uma das botas com ambas as mãos para arrancá-la, enquanto Meyrick se encarrega do outro pé. Em seguida apanha a faca e, puxando a seda ensanguentada com o indicador e o polegar, afasta-a cuidadosamente da ferida. O tecido gruda na pele no local onde o sangue está coagulando, o que faz

Essex franzir o rosto e olhar para o outro lado. Ela toca a ponta da faca na trama da meia, abrindo-a da coxa até o joelho, revelando toda a extensão do estrago.

“Não está tão ruim quanto eu temia... não é muito profundo. Você vai sobreviver.” Ela o beija de leve no rosto, e só então percebe o quanto está aliviada.

Uma criada põe uma bacia de água fumegante ao seu lado e um pano limpo em sua mão.

“Aquele verme traiçoeiro do Blount”, resmungava Essex.

“Quem desafiou quem?”, Penelope questiona, sabendo que deve ter sido o temperamento exaltado de seu irmão que provocou o atrito. Ela toca de leve a ferida. O sangue é surpreendentemente brilhante e ainda escorre, mas é possível ver que não há maiores riscos. Se fosse mais alguns centímetros acima, perto da virilha, onde as veias correm próximas da superfície da pele, a história seria outra.

“Foi culpa dele.” Essex parece irritado. Penelope viu Charles Blount uma ou outra vez na corte, à distância. Pareceu ser cauteloso e comedido. Era um homem atraente, o suficiente para rivalizar com seu irmão pelo favoritismo das damas de companhia da rainha — e, acima de tudo, da própria monarca. Penelope ouviu dizer que ele vinha conquistando certo nível de atenção e sabe muito bem como Essex é. Quer ser a única estrela no firmamento da rainha. “Foi ele quem começou!”

“Você tem vinte e três anos, Robin, não treze.” O tom de voz dela está mais ameno agora. “Esse seu temperamento ainda vai acabar lhe criando problemas sérios.” Penelope é menos de três anos mais velha que ele, mas sempre sentiu que a diferença era muito maior. A indignação de Essex é perceptível por ter saído derrotado do imprudente duelo, pois se considera o maior espadachim do país. Ela sente vontade de dizer que o irmão teve sorte de sair apenas com um ferimento leve, mas se contém. “A rainha vai descobrir. E não vai ficar contente.”

“Quem vai contar para ela?”

Penelope não responde. Ambos sabem muito bem que é impossível que qualquer coisa aconteça em toda Europa sem que Robert Cecil leve a notícia imediatamente para a rainha.

“Você vai precisar de repouso por um dia ou dois”, ela avisa, enxaguando o pano na bacia. O sangue tinge a água de rosa. “E suas intrigas amorosas vão precisar ser interrompidas por uma semana ou duas.”

Eles trocam um olhar silencioso de cumplicidade enquanto Essex tira um cachimbo de dentro do gibão e começa a enchê-lo com tabaco.

O dr. Lopez chega e, depois de breves formalidades, põe-se a trabalhar,

passando uma pitada de pó branco no corte “para estancar o sangramento”, explica, oferecendo a Essex um pedaço de madeira para morder.

Ele recusa, pedindo a Meyrick que acenda seu cachimbo e dizendo que prefere se distrair ouvindo a irmã cantar. Penelope começa a cantarolar uma melodia enquanto Lopes passa uma tira fina de tripa de gato em uma agulha. Essex solta lufadas de fumaça pelas narinas e não parece se perturbar enquanto a agulha entra e sai, juntando as bordas do ferimento.

“Sua habilidade com a agulha é comparável à dos bordadores da rainha”, comenta Penelope, admirando os pontos bem-feitos.

“É um dom que adquirir no campo de batalha.” Ele põe a mão de leve nas costas de Penelope e a puxa para um canto do cômodo. Sua expressão é sincera. Tem os cabelos vastos e a barba cheia acinzentados pela idade, e sorri estreitando os olhos. “Ele precisa descansar e manter a perna para cima.”

“Vou fazer meu melhor para garantir isso”, Penelope responde. “Mas você sabe como ele é.” Ela se interrompe. “E...”

“O assunto morre aqui, milady”, afirma Lopez, como se estivesse lendo sua mente.

“Muito obrigada, doutor.” Não é a primeira vez que ela sente gratidão por Lopez. Não fosse por ele, teria perdido seu primeiro filho.

Mais tarde, eles se reúnem em torno da lareira para ouvir Constable recitar um novo poema.

*A presença de minha senhora avermelha as rosas,
Porque o lamento deixa seus lábios mais corados.*

Penelope pensa na carta ao rei Jaime guardada no gibão do poeta e imagina sua jornada pela Grande Estrada do Norte para entregá-la, sentindo um tremor de medo por ter recorrido a tal subterfúgio, misturado com excitação.

*Os caules dos lírios, invejosos, pareceram desbotados,
Pois em suas mãos pálidas as flores ficaram mais formosas.*

“Mas você mudou o tempo verbal aqui, Constable”, comenta Essex, sentado com o pé apoiado em um banquinho. “Deveria ser ‘parecem’ e ‘ficam’.”

“Pare de provocá-lo”, repreende Penelope. “Ele fez isso para preservar a estrutura poética. Ficou lindo.” Ela dá uma piscadinha para o poeta.

“Encantador”, acrescenta Jeanne, erguendo os olhos por um momento, segurando a agulha entre o indicador e o polegar. Suas mãos são delicadas,

pequenas como as de uma criança, mas proporcionais ao restante de seu corpo. As duas estão bordando uma fileira de malvas-rosa na barra de uma anágua, começando uma em cada ponta com a intenção de fazer metade da peça cada uma, mas a concentração de Penelope se perdeu, e sua agulha está pousada sobre o tecido. A provocação de Essex silenciou o pobre homem, que agora está desconfortável, sem saber se prossegue com a recitação. É estranho que ele seja tão sensível a críticas, pensa Penelope, considerando que serviu como emissário de Walsingham por tanto tempo. Fazer parte de uma rede de espões exige uma personalidade mais ousada.

“Adorariamos ouvir o resto”, ela afirma, distraída pela entrada de Meyrick, que entrega ao irmão dela uma carta que parece ter o selo real.

Constable limpa a garganta e lança um olhar para Essex, que está abrindo a missiva.

*As margaridas em seu caminho desabrocham mimosas,
Porque sua presença tem o efeito dos raios ensolarados.*

Penelope para de prestar atenção e vê um rubor aparecer nas faces do irmão. Ele amassa o papel e joga no fogo, informando com um sussurro: “Estou banido da corte. Por desobediência. Rá! Ela diz que está na hora de alguém me ensinar boas maneiras”.

“Algumas semanas longe da corte provavelmente vão fazer bem”, argumenta Meyrick. “O senhor não há de querer exibir esse ferimento. As pessoas iam comentar e provocar.”

Como Meyrick é generoso com meu irmão, ela pensa. Mas eles *sempre* foram bem próximos, desde a *infância*.

Essex solta um suspiro conformado.

*As violetas perdem as cores vivas e radiosas,
Tingidas pelo sangue de seu coração magoado.*

A cabeça de um pajem aparece na porta, e Meyrick vai até lá para escutar o que o menino tem a dizer. Em seguida, posiciona-se ao lado de Essex e transmite a mensagem cochichada.

“Blount!”, exclama Essex. “Onde diabos ele está com a cabeça para aparecer aqui?”

Penelope ergue a mão para interromper Constable e se vira para o irmão. “Acho que ele quer saber como vai sua recuperação. É só um sinal de respeito, com certeza.”

“Respeito? O homem não sabe o que é isso.”

Meyrick põe sua mão grande e firme no ombro de Essex. “Deixe-o comigo.” Penelope percebe que a musculatura robusta do pescoço do homem se enrijece, e que uma faísca de brutalidade se acende em seus olhos baixos.

“Você *precisa* recebê-lo, Robin”, ela insiste. Essex afasta a mão de Meyrick e começa a se levantar da cadeira. “O que está fazendo? Tem que manter a perna para cima.”

“Se preciso receber o canalha, não vou dar a ele a satisfação de me ver em repouso como um bobalhão imprestável.” Ele se dirige mancando até o enorme retrato do conde de Leicester, como se a imagem do padraсто ilustre lhe concedesse mais força. Posiciona-se com uma das mãos erguidas, tocando a moldura rebuscada com os dedos. Seus olhos estão em chamas, o que para Penelope é motivo de preocupação; ela já viu aquela expressão no rosto dele muitas vezes, indicando o início de um episódio de melancolia profunda. Essex é assim: agitação irrefreável ou coração despedaçado, mas nunca um meio-termo. “Mande o vilão entrar, então.”

Quando Meyrick sai para buscar Blount, Penelope repara que ele ainda não lavou o sangue da mão.

Blount entra, colocando-se imediatamente sobre um dos joelhos e tirando o chapéu. “Perdão, milorde, se interrompo seu momento de tranquilidade. Só vim cumprimentá-lo e devolver sua espada.”

“Minha espada?”

“A arma foi deixada no local do duelo, milorde.”

“E onde está agora?”

“Com meu acompanhante lá fora. Não considerarei apropriado entrar armado.”

“Está com medo de provocar outro confronto?”, questiona Essex. Então acrescenta com irritação: “Pois fez bem”.

“Quanto ao duelo, milorde, foi por pura sorte que minha lâmina o atingiu”, garante Blount. “Eu estava sendo superado e faria mais sentido se o corte fosse sofrido por mim.”

Penelope percebe que está encarando os dois e desvia o olhar às pressas, apanhando a agulha abandonada e a colocando para trabalhar.

“Levante-se, homem”, diz Essex. “Não precisa ficar ajoelhado por minha causa.”

Penelope tem a impressão de ver um esboço de sorriso no canto da boca do irmão. Ela o conhece muito bem e sabe o quanto aprecia uma demonstração de humildade. “Sirva uma bebida para nosso visitante, e uma para mim também.”

Meyrick apanha um jarro de vinho sobre a mesa, enche duas taças, então entrega uma ao patrão e outra a Blount, que ergue a sua. “*Pax?*”

“*Pax*”, responde Essex e começa a beber, com uma relutância um pouco maior que a do outro homem. No entanto, de acordo com a etiqueta, recusar a cortesia de Blount significaria uma ofensa a ser resolvida em outro duelo.

O olhar de Penelope se volta para o visitante. Ela observa os cabelos pretos como os de um árabe, as proporções delicadas de seu rosto e seus olhos escuros e acesos. É mais bonito do que se lembrava. Não está usando rufo, só um colarinho simples de renda e um gibão de cetim, notavelmente discreto. Com certeza não queria ofuscar Essex. Deduz-se que também é um diplomata. Um brinco pendurado na orelha esquerda, porém, conferia um atraente toque de ousadia. Penelope percebe que o homem pode ser um bom aliado para seu irmão e decide conversar com Essex a respeito mais tarde, para fazê-lo entender que nem todos os que são como ele devem ser seus inimigos. O problema são homens como Cecil e Raleigh, que contam com alianças poderosas, têm acesso aos ouvidos da rainha e o querem à distância — é com esses que deve tomar cuidado. Além disso, ela não acharia ruim se Blount frequentasse mais Leicester House. Essex se vira para ela nesse momento. Penelope sente seu rosto corar, como se fosse capaz de ler seus pensamentos.

“Já conhece minha irmã?”, ele pergunta a Blount.

“É uma honra conhecer alguém que já inspirou tanta poesia.” Ele volta a se apoiar sobre o joelho, estendendo a mão para Penelope.

Ela se pergunta se o homem não estaria só exercitando seu charme, algo que claramente tem de sobra. É fácil entender por que conquistou a simpatia da rainha. Mas, quando Blount ergue os olhos, Penelope não vê nada além de sinceridade nos olhos dele.

“Os sonetos de Sidney são inigualáveis, milady. Fui arrebatado por eles algumas vezes.”

“E o que faz você pensar que os poemas de Sir Philip são sobre mim?” Penelope costumava pensar com frequência na fama que adquirira por ser a musa de um grande poeta e lhe parecia que o mérito era muito mais de Sidney do que dela. Ela já se perguntara muitas vezes o que era uma musa, e chegara à conclusão de que nada mais que uma mensagem cifrada.

Seu irmão dá risada. “Todos sabem que você e Stella são a mesma pessoa.”

“*Quando a natureza criou sua obra-prima, os olhos de Stella, / Por que conferiu ao negrume de seu olhar tom tão reluzente?*”, Blount recita baixinho. “Vejo a semelhança, milady.”

“Isso, sim, é poesia *de verdade*”, comenta Essex, deixando o pobre Constable todo sem jeito.

“Sidney é insuperável”, afirma o envergonhado poeta.

“Já chega”, decreta Essex. “Meyrick, vá buscar minha espada. Aliás, foi Sidney quem me deu essa arma.”

“E com certeza a intenção dele não era que fosse usada em um duelo”, diz Penelope. É uma tentativa de manter o clima ameno, mas toda a conversa sobre Sidney traz à tona lembranças dolorosas, fazendo seus pensamentos se voltarem para a menina que era oito anos antes. Ela se lembra de quando chegou à corte, imaginando encontrar apenas romances e intrigas divertidas. A mulher que se tornou — contida, reservada e política — é tão diferente daquela menina quanto um ovo de uma ostra.